



Alhambra — Pateo dos leões

Alhambra é um dos mais brilhantes vestígios que os mouros deixaram em Hespanha. Este sumptuoso edificio, que era ao mesmo tempo palacio e fortaleza, está situado no cume da costa escarpada, que domina a cidade de Granada, semelhante ao Acropolis de Athenas, e ao castello de Sagonta. Tanto a espessura das suas muralhas, como a sua collocação deviam tornar este logar um asylo inacessivel. O aspecto exterior das suas torres apresenta a imagem da guerra, mas o interior offerece á vista tudo que o prazer, a arte, a graça e a industria pôdem reunir de mais agradável e de mais perfeito. Ali julgamo nos transportados a um paiz de fadas, ou a um d'esses bellos pontos descriptos pelos poetas orientaes. Que de riqueza e ao mesmo tempo que de elegancia na architectura fantastica. Que profusão de ornamentos, e que firmeza de desenhos, ainda mesmo nos mais pequenos detalhes! Junta-se ainda ao effeito magico d'este admiravel monumento a soledade que reina nas suas arcadas, o silencio poetico que succedeu ao ruido de brilhantes festas, e a melancolia que inspiram estas ruinas; n'uma palavra: o contraste de tanta gloria com tanta abjecção.

Sobe-se por uma ladeira irregular até á porta da Alhambra. Depois de passar a porta chega-se a dois pateos oblongos: o pateo dos banhos e o pateo dos leões. Este ultimo sobretudo é notavel pela sua magnificencia. É cercado por um peristylo de columnas e ornado sobre duas faces d'um ante-corpo ou especie de portico, e enriquecido de bellas columnas. No centro do pateo está o chafariz denominado dos leões, que é de marmore preto. Este chafariz foi sem duvida

construido á imitação da piscina, de Salomão, o que de certo obrigou o architecto arabe a affastar-se da lei de Mahomet, que prohibia de representar seres animados.

É proximo do pateo dos leões que estão distribuidos, ao rez do chão, todos os quartos do palacio; uns destinados para recepção, com vista para o campo, outros, mais frescos e mais retirados, com pequenas aberturas nos porticos interiores.

Entre estes quartos, que todos são celebres na historia, ha um, ante o qual todos se commovem, pela recordação do terrivel acontecimento que ali teve logar: é a sala onde o feroz Boabdil fez massacrar os Abencerrages.

O edificio da Alhambra foi mandado edificar por Abu-Abdalla-Ben-Nasser, mais conhecido pelo nome de Elgaleb-Billah (ou vencedor com o favor de Deus), principe celebre pelo seu valor, fortuna e bondade. Reinou em Granada desde 1231 até 1273, e consagrou a esta obra uma parte dos seus thesouros. Os seus successores embellesaram successivamente este soberbo edificio, que lhes servio de residencia até á queda do imperio. Depois da conquista de Granada pelos hespanhoes Alhambra soffreu grandes modificações. Seduzidos pela belleza do local e talvez com a idéa de exceder a magnificencia dos soberanos arabes, Carlos-Quint fez elevar um palacio sobre as ruinas de algumas partes da fortaleza. Mas um edificio no gosto moderno faz má figura entre os fragmentos seculares, que são de si mais interessantes que todos os monumentos elevados pelo orgulho dos conquistadores felizes.

POETAS E PROSADORES

I

(Continuado de pag. 100)

Do Chiado a Veneza, é o titulo d'um galante livro de Julio Cesar Machado, e contém as impressões da sua digressão á Italia. Anedoctas de viagem contadas com um pingo especial, que ninguém entre nós possui em gráo tão elevado como o elegante folhetinista, descrições rapidas como as pôde fazer quem atravessa com a rapidez d'um wagon os fertéis plainos da Lombardia, quem se embala apenas um instante nas gondolas voluptuosas do Adriatico, episodios romanticos, entre os quaes se distingue por não sei que estranha melancolia que faz lembrar as historias italianas de George Sand, o conto veneziano da gondola de Dora, tudo isto animado pela veia humoristica de Julio Machado, espirito sempre desconstrangido e risonho, eis o que encerram essas fugitivas paginas, arrancadas da carteira do *touriste*, e que se resentem da sua origem, tanto nas qualidades como nos defeitos.

O *Guia historico do viajante em Coimbra*, pelo sr. A. M. Simões de Castro é um livro onde se encontra solida erudição, amenizada pela suavidade d'um estylo que nunca deixa de ser graxo sem chegar a ser pesado. Fallaria detidamente n'este *Guia* se penna mais competente do que a minha, a do sr. Innocencio da Silva, não tivesse já traçado nas paginas d'este mesmo periodico a apreciação d'esta obra, a muitos respeitois digna de ser notada.

E já que fallei no sr. Innocencio da Silva, não perderei a occasião de me congratular com o publico pela appareição do tomo 8.º do *Diccionario Bibliographico*. Ainda não pude ver o volume, porém folgo com a sua publicação, porque nos dá a esperanza de que seja continuada a obra monumental que o sr. Innocencio empreendeu. Como parece que em Portugal pesa sobre todas as obras importantes que dariam honra á nossa geração, e que seriam uteis aos posteros, o anathema que a tradição popular assevera que fulminou as obras de Santa Engracia, qualquer vago rumor, que denuncia a renovação do trabalho nos andaimes por largo tempo desamparados, dá uns certos rebates de alvoroço n'aquelles que ainda presam estes labores serios e uteis. Quanto aproveitaria a gloria portugueza, se estes benedictinos do seculo que têm animo e cabedal de intelligencia e de conhecimentos para se entregarem a empresas taes como as que illustraram nos passados tempos a douta congregação de São Mauro, levantassem entre si e o mundo que enxameia, zumba, e muitas vezes os persegue com os seus apodos e motejos, uma especie de muralha ideal, que esses ecos turbulentos e frivolos não podessem transpôr! Quanto aproveitariam elles mesmos e a sua propria gloria, se, encerrando-se nos claustros silenciosos d'esse mosteiro ficticio, não

prestassem ouvidos á algazarra lá de fóra, e conversassem sós a sós com a posteridade, cujo imparcial juizo é que devem temer!

Infelizmente não succede assim! o operario, que trabalha para o porvir, deixa o seu lavor interrompido, e, em vez de fazer subir magestosamente os marmores para o sitio onde devem resplandecer, responde com pedradas aos insultos... Depois vem a morte, que termina a lucta de que ninguém mais se lembra, e o edificio lá passa ao futuro com a abobada sem fecho, com a cupula sem remate!

Tenho ha muito em meu poder um livro publicado no Porto pelo sr. Henrique Moreira, intitulado *a Sociedade e a familia*, de que ainda se me não offereceu ensejo para dar conta. Apresso-me em aproveitar agora a occasião de o noticiar.

O sr. Henrique Moreira é um mancebo que ainda cursa as aulas, segundo nos diz o seu apresentante, o sr. Pedro Amorim Vianna. Um livro serio, como é incontestavelmente *a Sociedade e a familia*, não podia ter patrono mais digno de o recommendar ao publico. O sr. Amorim Vianna é sem duvida um dos nossos melhores pensadores. O seu espirito, educado, segundo creio, no estudo das sciencias positivas, entrou com o habito de logica rigorosa que dá o trato das mathematicas no campo das sciencias sociaes, e imprimio o cunho do raciocinio solido em todas as questões que n'essa vasta arena se ventilam. Abrangeu-as com facilidade, adquirio em todos os pontos profunda e ampla erudição, e tem-nas depois debatido por varias vezes com um vigor e rudeza de pensamento e de estylo, a que estamos pouco habituados, nós os Portuguezes, tão amadores da forma. O nome do sr. Amorim Vianna não é comtudo tão popular como devera ser, porque o eminente pensador, eloquente sim, mas d'uma eloquencia concisa e um tanto desdenhosa, não se presta a desenvolver as suas idéas, e a inoculal-as no espirito das multidões. Severo como um Newton, appellido illustre que, segundo parece, lhe deram os seus contemporaneos da Universidade, querendo assim indicar a grande superioridade do sr. Amorim Vianna nas sciencias mathematicas, não seria elle que applaudiria as tentativas d'Arago para popularisar a sciencia, nem que transigiria com as amenidades de estylo de Luiz Figuier, cuja orthodoxia scientifica está muito longe de ser demonstrada.

Nas sciencias sociaes é igualmente inflexivel; e tudo quanto pareça ornamento frivolo encontra n'elle um juiz severo, mas o seu estylo captiva-nos, não pela efflorescencia, simplesmente pelo aroma do fructo. O fructo é são e opimo, logo rescende fragrancia. A idéa é elevada logo a expressão é grandiosa. Mas ninguém espere que o pensador, desfolhando o argumento, o insinue por todas as formas no espirito de quem lê. Estabelece o theorema, traça risco por baixo, parte do principio conhecido, estabelece as deducções cerradas e severas, depois estampa a

chancella inevitavel *quid erat demonstrandum*, e acabou-se. O leitor, e principalmente o leitor portuguez, que não está costumado a esta semceremonia toda germanica, refoge assustado dos livros escriptos pelo sr. Amorim Vianna, e que têm valor muito mais elevado do que tantas frivolidades francezas que o deleitam.

Para que um espirito d'esta tempera consentisse em prefaciá um livro philosophico, escripto por auctor ainda tão moço, e por conseguinte mais ou menos namorado de bonitos matizes, e que, segundo mesmo o sr. Amorim Vianna nos diz, tem conviyencia familiar com o eloquente mas superficial Pelletan, era preciso que o livro fosse pelo menos uma estreia promettedora. E effectivamente assim acontece.

O prefacio não é comtudo, como estamos habituados a ver, um cartaz laudatario, é um juizo critico indulgente, mas que não deixa de apontar os defeitos, ainda que dulcifique a recriminação, tanto que não hesitamos em transcrever os ultimos periodos d'esse artigo, onde o sr. Amorim Vianna, tomando as conclusões do que disse antecedentemente, aprecia em geral a indole do livro:

«Notam-se reminiscencias. O auctor nem sempre é original; mas sabe colher das suas leituras os fructos mais sasonados.

«Vê-se um talento que se exerce. Se a idéa que desponta não se debuxa sempre com o primor que lhe sabem dar os mestres consummados; ainda assim os espiritos esclarecidos reconhecerão nos delineamentos da obra um vigor que promette ao joven escriptor um futuro auspicioso; e todos encontrarão n'ella uma leitura agradável e locante e uma doutrina tão sã, tão desejosa do bem que necessariamente lhes hade tornar sympathico o seu auctor. Porque mais que tudo a obra do sr. Moreira é um livro util, um livro moral. É um título de que se deve ensoberbecer.»

Parece-nos tambem que o sr. Moreira ainda se não costumou a encarar com os proprios olhos as questões a cujo estudo se entrega, e que as vê muitas vezes atravez das paginas dos grandes publicistas francezes; comtudo são sempre as doutrinas justas e sãs as que o sr. Moreira adopta e defende. O seu estylo seria aprazivel se o juvenil escriptor apagasse uns fogos fatuos, com que julga illuminal-o e doiral-o, e cujo scintillar importuno e tremulo não faz senão confundir e ennevoar os lineamentos da idéa que o auctor tenta exprimir. Querendo vestir de manto de purpura e d'ouro o pensamento, não faz mais do que recamar de lentejoulas a toga seria e grave da philosophia.

Um livro interessante e util é o que o sr. Antonio Philippe Simões publicou ha tempos em Coimbra, e que tem o titulo de *Cartas á beira-mar*. O pensamento que presidio á sua composição foi o mesmo que inspirou a Michelet o seu formoso livro *La Mer*. Mas o grande escriptor francez, arrebatado pela imaginação ardente, que muitas vezes o embarça quando se occupa de trabalhos

historicos onde é necessario um espirito frio e um raciocinio seguro, mas que na obra a que nos referimos, contribuiu para dar ao seu pensamento um arrojo sublime, á sua phrase um colorido tempestuoso, Michelet fez d'esse livro *La Mer* um verdadeiro poema em prosa. O auctor das *Cartas á beira-mar* teve aspirações mais modestas, limitou-se a popularisar as noções da sciencia que dizem respeito a essa grande massa liquida que vem expirar nas nossas praias, mas não se privou de as expôr n'um estylo ameno, facil e em que ás vezes mesmo se sente como que o écco melancolico da voz bramidora do Oceano.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

ORIGENS DA POESIA HELLENICA

O HYMNO, A EPOPEA E O DRAMA

por **Emilio Burnouf**

(Continuado de pag. 96)

II

Pelo que deixamos dito se vê que durante o periodo dos hymnos o caracter da Grecia era oriental e o seu genio despontava apenas; os povos que depois compozeram a nação hellenica ainda não tinham assentado a sua residencia definitiva; a maior parte d'elles estava em movimento, uns pelo norte na Thracia e na Macedonia, outros pelo sul de Creta e das ilhas circumvisinhas, alguns ainda na Asia. Todos tendiam para o mesmo ponto por marchas concentricas, todos caminhavam para a Grecia propriamente dita e para o Peloponeso, mas ainda se achavam muito afastados d'estes paizes.

Da lingua que fallavam não se póde dizer se não que não era o grego, porque este ainda está em via de formação nas epopéas de Homero.

O periodo epico que tambem se póde chamar heroico ou feudal é o segundo das litteraturas originaes, isto é, das que provindas de uma origem commum se desenvolveram espontaneamente e sem imitar modelos anteriores. Pertencem a este periodo a epopéa grega, a indiana e até certo ponto a epopéa franceza da idade-media. Otfried Muller conhecia tanto a fundo a primeira, a grega, como era pouco sabedor das outras duas. Eu creio que elle ignorava quasi completamente a litteratura sanscrita, e pelo que diz respeito á epopéa franceza, apesar de já no seu tempo se terem voltado as atenções para ella, comtudo só n'estes ultimos trinta annos é que viram a luz as suas mais importantes produções, e que se tem podido estudar a origem d'esses cantos. Como os documentos gregos não foram sufficientes nem aos modernos nem aos antigos para reconhecer a marcha e os principios da epopéa hellenica, a questão levantada por Wolf nos seus celebres *Prolegomenos* e debattida com uma paixão tanto maior quanto era menor o valor das rasões que se adduziam pró e contra, ficou sem ser resolvida, e Otfried Muller julgou que podia findar o processo por um compromisso. Em historia, os compromissos não valem por soluções, e portanto ficaram de pé as

duas questões. Foi um mesmo poeta o auctor da Iliada e da Odyssea? É ou não a Iliada a obra commum de uma geração poetica personificada em Homero?

Estas questões de origem e attribuições foi principalmente em Allemanha que se levantaram e se discutiram. Os criticos francezes andam a tal ponto extranhos a este genero de estudos, e estão, por sentimento, tão afferrados ao preconceito poetico que indo nós expôr aqui a solução scientifica fundada em documentos novos, solução que dá quasi completamente razão a Wolf, seremos certamente olhados como hereges por muita gente que dorme tranquillamente com a confiança da sua fé.

Das tres epopéas ha duas cuja formação se conhece, a indiana e a franceza. Estas seguiram a mesma lei. A epopéa grega achou-se em eguaes condições; é provavel que se formasse de identica maneira. O costume de celebrar em cantos barbaros os antigos heroes e os deuses é tão antigo como as raças germanicas, e conservou-se por muito tempo ainda depois do seu estabelecimento na Gallia. Affirmam-no Lucano, Tacito, Gregorio de Tours, Jornandes e Eginhard. Temos alguns d'estes contos epicos em latim e em franco; são curtos e contém apenas summariamente os feitos que pretendem celebrar. Nos tempos dos Carlovingios é principalmente Carlos Magno, Pepino e os senhores mais illustres do seu tempo que elles cantam. Sabe-se que eram compostos quer antes, quer depois da batalha pelos senhores e que não havia ainda n'esta época uma classe de poetas especialmente dedicados á poesia heroica. É no seculo XI que d'estes hymnos epicos e guerreiros já antigos principiam a nascer composições poeticas de maior folego em que, por uma especie de desenvolvimento interior, os factos succintos da *cantilena* franca servem como de tela em que se bordam novos e variados ornamentos e figuras. Estas epopéas tem o nome de *canções de façanhas* (em francez *chansons de gestes*). Estes poemas formados das *cantilenas* por uma transição lenta e expontanea, eram cantados pelos trudes (*jongleurs*) com um acompanhamento de viola n'um tom continuo e uniforme; primeiro celebraram Deus e a guerra, depois a mulher e o amor. Submettidos successivamente a uma forma poetica mais perfeita, á influencia politica dos reis ou dos senhores feudaes, emfim á necessidade de completar pela symetria a distribuição dos papeis creando personagens ficticios, deram origem a uma segunda classe de poemas, os *romances d'aventuras*. Seguinda esta marcha progressiva a epopéa franceza chegou ao seculo XV, época em que os romances soffreram a sua ultima transformação, a traducção para prosa, recebendo então o nome de *contos azues*, que ainda conservam. D'então até ao seculo XVIII inclusive, em que foram largo assumpto de zombaria, estiveram estes poemas francezes esquecidos e sem que se lhe prestasse uma attenção séria; foi só nos nossos dias que começaram a ser estudados como documentos historicos de grandissima importancia. Por causa d'elles estamos fazendo os mesmos estudos que os alexandrinos fizeram sobre a epopéa homérica. A primeira *cantilena* carlovingia não é um poema, é um canto composto para um fim determinado, como o é um discurso politico, ou um

arrasoado, e faz parte da historia. A *canção de façanhas* é uma obra poetica, mas fundada toda na historia e não accrescentando á realidade senão a expressão do entusiasmo popular e a admiração ingenua que transforma os homens em heroes. O *romance d'aventuras* accrescentou ao real o imaginario ou o ideal; com o andar dos tempos, n'esses poemas a realidade obscureceu-se e a invenção foi occupando o lugar da historia.

Na India, na outra extremidade do mundo aryo, tinha acontecido, com pouca differença, o mesmo. Já no Veda encontramos um certo numero de cantos de feição epica em que se celebram as acções dos reis ou dos chefes militares. Quando o feudalismo indiano acabou de se constituir nas margens do Ganges e do Indo e que as castas se radicaram e robusteceram, coube a uma classe de homens, conhecida pelo nome de *sútas*, quer dizer, *escudeiros*, a poesia heroica. Estes *sútas* guiavam o carro do senhor, observavam os seus feitos e na volta da guerra cantavam-nos. No Mahâbhârata temos uma epopéa cujo nucleo primitivo composto por um *súta* não constava de mais de doze ou quinze mil versos, mas que se tornou com o tempo um verdadeiro romance d'aventuras por addições interiores, episodios e amplificações, chegando assim a ter duzentos e cincoenta mil versos; talvez no seculo passado ainda trabalhassem n'elle. Estes poemas escriptos pelos *sútas* chamam-se *purânas*, isto é, lendas antigas; a India possui um grande numero d'elles.

Em épocas posteriores, quando a arte da composição já era mais perfeita, alguns homens mais eruditos principiam a escrever epopéas cujo fundo era tirado das lendas, mas a que elles deram uma forma mais estudada, collocando n'ellas acções e personagens imaginarios ou symbolicos. Estas novas concepções eram chamadas *kavya* (poemas) e os seus auctores *kavi* (poetas). Verdadeiros romances de aventuras, estas epopéas foram o ponto de partida para poesias em que a imaginação ainda era mais livre de peias, para episodios mais ou menos variados, para dramas e traducções dos quaes alguns tem uma notavel similhaça com os nossos contos azues.

Os gregos da decadencia tambem tiveram os seus contos azues, filiados directamente nas antigas epopéas. Quanto a estas é necessario ser bem pouco perspicaz para não notar que a Odyssea é um romance de aventuras e que a Iliada é uma canção de façanhas. É necessario mesmo ir mais longe e considerar a Iliada como a reunião de alguns fragmentos muito antigos que são verdadeiramente umas cantilenas.

(Continua)

ABBADIA DE BOLTON

A abbadia de Bolton, que foi outr'ora tão celebre, é situada no condado d'Yorck, nas margens do rio Wharfe, a seis milhas, pouco mais ou menos, de Skipton. A viuva de William Fitz Duncan, sobrinho de David, rei de Escocia, que fundou tão grande numero de estabelecimentos religiosos, fez elevar este magnifico edificio pelos meados do seculo XII e dedicou-o á Virgem. Mais tarde, estabeleceram-se ali monges da ordem de Santo Agostinho, e foram por muito



Abbadia de Bolton

tempo os bemfeitores do povo n'aquella época de ignorancia e barbarie. Mas os perigos que constantemente ameaçaram o mosteiro, as hordas numerosas que vieram da Escocia e da Inglaterra, invadindo incessantemente os arredores de Bolton, fez cair a abbadia em seu poder. A devastação d'estes monumentos religiosos data do anno de 1540.

Um inglez, que visitou o ducado d'Yorck, dá a seguinte noticia das ruinas da abbadia de Bolton e do estado da igreja, da qual uma parte, ainda em bom estado, serve de igreja parochial ás aldeias que a cercam.

«Nada é ao mesmo tempo mais imponente e mais pittoresco que o aspecto d'aquellas ruinas solitarias. Altas collinas, que só tem vegetação na sua base, se eleva ao norte e ao sul, vindo as aguas do rio Wharfe banhar a parte occidental do mosteiro. A leste, do cume d'um rochedo, que se eleva perpendicularmente, jorra em cascatas abundante agua. A oeste estão os logares pittorescos pela mistura de austeridade e frescura agreste. A variados cerros succedem jardins suspensos e pela influencia d'estes contrastes a paisagem é uma vez imponente e grandiosa e outras vezes imponente e graciosa.

«Os restos da abbadia são ainda hoje tão bellos que não podemos deixar de os admirar. Nada mais solemne como o silencio e solidão em que se acham mergulhadas. A imaginação quereria, mas em vão, ter conhecimento de tudo que foi destruido; em vão se esforçaria para supprir, adivinhando, a magnificencia do que foi pelo que está ainda de pé.

«A igreja, que é tudo o que resta da antiga abbadia de Bolton, é uma bella creação da architectura gothica, e tem a fórma da cruz de S. João. Dez arcadas ao longo da nave estão ainda em bom estado, são ornadas litteralmente de pequenos florões, de arabescos e outros diversos ornatos de esculptura. O côro e toda a parte central está em ruinas, e das fendas das paredes vegetam em abundancia diferentes hervas; mas a torre e o grande arco que está do lado do occidente, assim como toda a parte do edificio que dá sobre o Wharf, estão em bom estado de conservação. Tudo isto, porém, é de data posterior; o ultimo abbaque que ali esteve concebeu a idéa de renovar o antigo esplendor d'estes monumentos; mas a Reforma fel-o affastar da sua abbadia e a sua louvavel empreza não pôde executar-se. Os brasões mutilados dos reis e dos abbades distinguem-se ainda sobre a cantaria d'esta parte da igreja. Por entre uma serie de columnatas sobrepostas ha uma grande quantidade de nichos, de bella architectura, com os bustos de monges e religiosos.

«Em torno d'esta galeria, reina uma caprichosa decoração de arabescos, de florões, e de volutas. A arcada, apesar das suas vastas proporções, é d'uma riqueza inconcebivel. Dir-se-ia que cada peça foi talhada com o cuidado que o lapidario consagra a um diamante. A porta principal é igualmente repleta de diferentes ornamentos, que estão em perfeita harmonia com os demais d'este curioso edificio.

«As ruinas da abbadia de Bolton são tambem preciosas, como objecto de arte, comparados com

os da abbadia de Melrose, cuja fundação data da mesma época. O genio do poeta Woodsworth deu-lhe uma nova apothese com o seu poema intitulado: *The White doe of Rylstone* (a Corça branca de Rylstone), cujo assumpto foi extraído d'uma tradição fabulosa. É de crer que os restos d'estes monumentos serão protegidos contra toda a especie de vandalismo.»

UM EPISODIO MARITIMO EM 1793

(Continuado de pag. 90)

Foi depois de todos os successos que temos relatado que os officiaes da *Pastora* se disseram entre si: É preciso que, ou o acaso tenha protegido o capitão nas suas evoluções, ou então é realmente mais marinheiro que nós suppunhamos.»

— «Meus camaradas, dizia a seu turno o tenente, não ha acaso, mais do que uma vez, na vida do imbecil, e, acreditai-me, não é possível manobrar-se com tanta precisão, durante quatro horas de observação e de cassa, só protegido pelo acaso. O nosso commandante tem *cabellos nas ventas*, attendai bem! Pensai o que vos aprouver a seu respeito, e portai-vos com elle do modo que quizerdes; quanto a mim, sei perfeitamente que hei de respeitá-lo como meu chefe. Não ha a bordo da corveta uma só pessoa que possa ufanar-se de ter metade do merecimento que elle tem como marinheiro!...»

A equipagem, sem exprimir uma opinião tão bem fundada sobre o merito do seu capitão, começava tambem a julgá-lo com esse instincto grosseiro, mas seguro, que raras vezes falla aos subordinados, na apreciação exacta do valor dos seus chefes, e desde este momento as allusões picantes dos marinheiros tornaram-se raras. Quanto ao commandante, conservou-se invariavelmente o mesmo no meio de todas as manobras a que o obrigára a sua missão, afeminando sempre as suas maneiras e continuando a dissimular o modo pretencioso que se tinha imposto. Ainda não tinha soado a hora em que o leão se havia de apresentar á tímida ovelha.

O vento d' oeste, sobrevindo á entrada do golfo, dera á corveta a facilidade de navegar com presteza até ter á vista a costa de Irlanda, para explorar, tomando conhecimento da parte occidental de Inglaterra, as paragens aonde lhe interessava conhecer o numero de cruzeiros inimigos na entrada da Mancha. Por uma noite escura, approximando se dos ancoradouros d'Ouessant, a *Pastora* achou-se entre uma divisão que seguia tambem o rumo de Brest. Cassardier, sem mudar de direcção, foi involver-se, e quasi perder-se no grupo de navios, que elle queria contar; e, quando ao despontar do dia, elle julgou prudente de não deixar aos seus companheiros de viagem o tempo de reparar na sua presença illicita entre elles, não quiz tão pouco apartar-se do almirante inglez sem lhe mostrar as cores do seu pavilhão, dando em seguida duas descargas sobre a pópa do navio commandante. Foram estes os adeuses que a *Pastora* enviára á divisão, no centro da qual tinha ido procurar hospitalidade durante a noite. Foi debalde que o navio-chefe da divisão, fez chover sobre a maliciosa corveta uma saraivada de balas: a corveta, dez vezes mais veleira que toda a flotilha que for-

mava a vanguarda da esquadra inimiga, desapareceu á vista dos inglezes, fazendo tremular por entre o fumo que a cercava, a bandeira tricolor da republica!... (Continúa)

OS ANNOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 91)

IV

Clementina escreve uma carta

«MINHA QUERIDA AMIGA. — Quando o sopro do destino nos arrojou longe uma da outra, entrepondo-nos a extensão dos mares, logo te confessei entre as lagrimas da despedida a minha desidia em escrever, e a incuria no cumprimento dos deveres de relações epistolares, que nem a tua sempre provada amizade estimularia.

«Com a bondade que é só propria dos grandes talentos como o teu, perdoaste de antemão as minhas faltas, impondo-me como condição apenas que te escreveria sempre que um grave acontecimento perturbasse a serenidade do meu viver.

«Eis que vão findar dois annos depois que partiste para o novo mundo a conquistar as palmas que o teu grande talento de artista te semeia no caminho da vida, e ainda não tive uma occasião sequer em que devesse escreverte por cumprimento da nossa clausula.

«Nestes dois annos a minha vida foi monotonamente a mesma; só meu pae redobrou cada dia de caricias para comigo; e meu marido...

«Ah! é verdade, esquecia-me de te dizer que desfólhei a corôa de laranjeira de noiva ha perto de um anno.

«Vaes pasmar de que eu te confesse ingenuamente que, apesar d'esse facto importantissimo na vida de uma mulher, não julgue ter quebrado o meu contracto deixando de te escrever por essa occasião.

«É que o meu casamento limitou-se apenas a contar mais uma pessoa de familia na pessoa de meu esposo. Nem uma sensação, nem uma impressão nova, nem o acordar de um sonho, ou o realisar de um desejo; nada que me não fosse indifferente. Eis pelo lado do espirito. O resto não valia a pena contar-l'ô.

«Conheci meu marido quinze dias antes de lhe dar a mão de esposa. Meu pae apresentou-m'ô logo como meu noivo, deixando-me comtudo o direito liberrimo de dicidir.

«Que me importava a mim, a mim sonhadora de extasis indiziveis, amante de um phantasma querido que se erguia cada noite da sua campa para vir conversar comigo de amores celestiaes; que me importava a mim, concentrada na solidão de um viver que ninguem adivinhava sequer, a escolha do esposo, que nem pae me offerecia como amparo natural na perigrinação da vida, quando a sua ameaçadora e inexoravel doença me deixasse solitaria no abandono da orphandade?

«O casamento era para mim apenas o cumprimento de um dever social, e Alberto de Azevedo reunia em si todos os predicados que pronunciam á sollicitude paterna um bom marido. Abastado; com uma esmeradissima educação adquirida na capital de França; com dotes intellectuaes sufficientes, para se apresentar na sociedade sem ser alvo de mordacidades; com uma

apparencia sympathica, e uma idade conveniente; era o noivo que enchia completamente a medida dos desejos de meu bom pae. Para mim, decidida a casar por condescendencia para elle, era tambem aquelle o esposo que me convinha. Sem compromissos de affeição, sem precedencias de amor, assignava o contracto nupcial, como um *contracto* apenas, trocava com meu marido uma reciproca e fraternal amisade, e ficava-me livre o coração para se entregar todas as noites aos seus doces colloquios com o phantasma querido que não deixava de erguer-se da sua fria campa, entrepondo-se a meu marido, sem que elle podesse soffrer o espinho do ciúme, nem o mundo podesse vibrar contra mim o dardo acerado de critica malevola.

«Foi o que aconteceu: e foi por isso que te não dei parte do meu casamento.

«E que este facto na ordem dos factos importantes da minha vida moral teve quasi a mesma significação do que a compra do meu piano de Erard, ou a mudança de habitação para o Chiado. Quelquer d'estes tres factos, unicos que até ha oito dias tinha a communicar-te, não te interessariam demasiadamente, como a mim me não interessaram; nem valiam a pena de serem escriptos em transparente papel *paquete* para atravessarem os mares ao bordo de um vapor da companhia transatlantica, e irem roubarte alguns minutos de attenção que deves toda aos teus triumphos.

«Ha oito dias porém, minha amiga, que o meu nocturno phantasma me appareceu mais triste na sua branca mortalha; e de aspecto torvo e irado, como que a increpar-me de uma infidelidade.

«Vaes rir, de certo, e perguntar-me em que castello encantado me appareceu esse ditoso rival, de que parecia arreciar-se o amante que dormira tantos annos tranquillo no seu leito de pedra, confiando plenamente na constancia do meu affecto. Julgas pelo menos que o distingui entre os freneticos delirios de algum baile esplendido, ou que o seu olhar de fogo se me insinuou até ao intimo do coração de envolta com as mais harmoniosas notas da *Favorita* ou do *Trovador*, no salão de S. Carlos, n'alguma noite em que Mongini, com a sua voz omnipotente, gemia freme de amor em qualquer das duas sublimes partituras. Enganas-te, minha amiga. Imagina uma sala fria e triste, alumada apenas por uma unica luz coada através de um espesso *abat-jour*; moveis escuros de nogueira, carencia absoluta de musica ou de flores, as paredes nuas, ou apenas adornadas aqui e além por afumados quadros de familia, emoldurados em caixilhos de madeira escura, ou de um dourado enegrecido que tanto não pude eu distinguir, destacando frouxamente sobre o papel que forra o aposento de; uma côr melancolica tambem.

«E é dia de festa n'aquelle lugubre recinto; a divindade d'aquelle silencioso e triste sanctuario celebra n'aquella noite o seu septuagesimo quinto ou septuagesimo sexto anniversario. E eu, compellida pelos deveres de uma amisade herdada de minha mãe, que já da sua a herdára, deixei devoluto o meu camarote de S. Carlos, para ir acompanhar n'aquella noite a boa velhinha, que talvez para o anno durma já em paz no cemiterio o somno eterno ao despontar o dia 12 de fe-

vereiro, em que ha tres quartos de seculo vio raiar a aurora da sua existencia.

«São-lhe companhia habitual umas *meninas* da sua criação, e umas outras a que ella com a sua bondoso singeleza denomina de muito novas por terem apenas cincoenta e tantos annos; isto é, creanças que ella vio nascer já depois de casada. Dois velhos formam o fundo d'este quadro quasi grotesco; e como protesto a tanta decrepitude, como representantes do seculo actual, entre os taciturnos representantes dos annos que passaram, eu, e um neto da dona de casa, mancebo de seus trinta annos, pallido e pensativo, sereno e despretencioso.

«Imagina tu, minha amiga, que eu conheço este moço desde os alegres dias da nossa meninice, em que muitas vezes brincámos juntos em passeios ao campo, que as nossas familias costumavam delinear e levar a cabo em commum. Costumes patriarchaes que o bom tom hoje esqueceu. Imagina que o vejo todos os annos uma vez em casa de sua avó, — porque elle pouco ou nada apparece no mundo ruidoso e brilhante, onde eu vivo habitualmente, sem interesse e sem repugnancia, como sabes, — e que em tão longo periodo de relações de amisade nunca me preocupou o espirito nem um minuto a physionomia d'este mandebo.

«Não explicas de certo como isto foi este anno; nem eu. O que posso dizer-te, é que a imagem que o meu querido phantasma accusa de ter maculado a pureza da minha inabalavel constancia de dez annos, era d'elle! a d'elle que me preocupou o espirito durante toda aquella noite.

«Quando vamos a uma visita de pesames, e entramos em uma sala envolta nas mais impenetraveis trevas, — segundo a exigencia da moda, talvez para encobrir melhor os olhos enxutos dos que fingem chorar o finado — quando vamos assim de subito e a sangue-frio mergulhar-nos no abysmo da escuridão, os nossos olhos fixam-se constante, instinctiva, pertinazmente n'um raio de luz que se escôa atravez da fisga da mal conjuncta janella. Era talvez um motivo analogo que me levava a encarar de continuo o raio de luz d'aquelle rosto formoso e sympathico entre as trevas que se condensavam n'aquellas physionomias senis e rugosas que formavam o fundo do quadro.

«No dia seguinte recebia pela correio, fechados em um subscripto, sem assignatura nem mais indicção, as seguintes estrophes:

ANJO DE AMOR

Nas azas de abrasada phantasia

Voou-me o coração;

E empós sqnhos de meiga poesia

Colhi só illusão!

E a vida, qual baixel desnorteado

Das ondas á mereç,

Que aos caprichos do vento soçobrado

O abysmo só prevê,

Não tinha porto a que seguir derrota,

Buscando a salvação,

Partidos mastro e leme, a vela rota,

Perdida a devoção!

Eis qual d'entre os negrumes a bonança

Traz um sorrir do céo,

Assim o meigo alento de uma esperança

Um sorriso me deu.

Era minha alma a noite de tormenta,
Tu foste o arrebol;
Tinha frio, teu riso já me alenta,
Foste um raio de sol!

N'essa noite não dormi tranquilla. O meu doce phantasma erguia-se iracundo no céu dos meus sonhos outr'ora tão doces e serenos.

«Meu marido não deu por tal.

«No dia seguinte busquei por longas horas julgar-me a mim propria no tribunal da intima consciencia. Fui um juiz severo e inflexivel: condemnei-me sem piedade e o meu querido phantasma sorriu satisfeito da minha sentença. Reconciliei-me com elle e passei horas suaves de extasi como outr'ora!

Ah! mas quando de novo as trevas desceraam a envolver a terra no seu negro manto, envolvendo-me tambem o espirito, ergueu-se-me de novo a fascinadora visão da vespera.

«Se eu amava já!

«Tua desde a infancia amiga e confidente —
Clementina.»

(Continua)

C. B.

FLORILEGIO CLASSICO

Eloquencia do pulpito

Vistes o que cada dia acontece nos povos, e Cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos huma briga, ou arruido subito, que na campanha se pudéra chamar batalha? todos puxão pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se offerece ás mãos: chovem os golpes, voão as pedras: huns ferem, outros cahem, todos correm, e acodem sem saber a quem, ou contra quem, nem a causa: huns incitados do odio, e da ira: outros sem ira, nem odio, tudo he grita, tudo desordem, tudo confusão. No meio porém deste tumulto popular, se apparece huma personagem de grande authoridade, e respeito no mesmo ponto abatem todas as armas, embainhão as espadas, aparta-se sem outra violencia a briga, e não ha quem se mova. Tal aconteceu naquella tempestade do mar (diz o Poeta) tanto que appareceo o Deos Neptuno: e muito melhor direi eu: Tal he o que se vio nas nossas tempestades da terra tão furiosas, tanto que appareceo no meyo dellas o Deos verdadeiro. Que era Lisboa, que era o Mundo nestes dias, senão hum mar tempestuoso, e huma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, desenfreadava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o siso. E com estes quatro ventos tão soltos, e furiosos, que ondas se não levantavão entre os homens de afrontas e injurias mal soffridas?

Que naufragios não fazia a compostura, e urbanidade politica, a modestia, e a charidade Christã, e a mesma vida, sem causa nas brigas, nos insultos, nas feridas, nas mortes, sendo os instrumentos deste destroço a agua, o fogo, o ferro, as pedras, e tudo o que podia inventar a loucura, e occorrer o furor: emfim propriamente, e sem metaphora: *Faces et saxa volant; furor arma ministrat?* E quem imaginára que toda esta tempestade a havia de serenar huma nuvem, da qual mais naturalmente se podiam esperar, ou temer rayos? Mas assim a serenou com o silencio, e attenção que Aemos: *Silent, arrectisque au-*

ribus adstant. Porque naquella nuvem branca appareceo sem apparecer o Senhor do mar e dos ventos: *Qualis est hic, quia venti, et mare obediunt ei?*

(VIEIRA. *Sermão das Quarenta Horas, em Lisboa, na Igreja de S. Roque. Anno de 1642. Tomo XI, pag. 182 e 183.*)

Collecção dos livros classicos portuguezes, que se acham reimpressos e á venda na livraria do editor, rua Aurea n.º 132: Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram, obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam publicados em beneficio da litteratura portugueza, por F. Joaquim Santa Rosa de Viterbo, 2.ª edição, revista, correctada e copiosamente addicionada de novos vocabulos, observações, notas criticas e um indice remissivo, pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, 2 vol. in-folio a duas columnas, 4\$000 réis — Historia de um Domingos particular do reino e conquistas de Portugal, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. in-4.º 7\$200 — Chronica da Companhia de Jesus, pelo Padre Simão de Vasconcellos, addicionada com as noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas do Brazil e o poema á Virgem Maria, pelo Padre José Anchieta, contendo mais 7 cartas, escriptas do Brazil para Portugal, pelo Padre Manuel Nobreza, 2 vol. in-4.º 1\$800 — Trabalhos de Jesus, compostos pelo veneravel Padre Fr. Thomé de Jesus, 5.ª edição, mais correctada que as antecedentes, acompanhada da vida deste servo de Deus e da carta do mesmo veneravel Padre á nação portugueza, 2 vol. in-4.º 1\$800 — Origem e orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes de Leão, obra util e necessaria assim para bem escrever a lingua portugueza como a latina ou quaesquer outras que da latina tem origem, com um tratado dos pontos das clausulas, 1 vol. in-8.º 500 réis — Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire (o Candido Luzitano), em 3 partes: a 1.ª trata do valor das palavras e correccão da grammatica; a 2.ª trata do que pertence á pronunciação, e a 3.ª comprehende illustrações e additamentos ás partes 1.ª e 2.ª, 3 vol., 720 réis — Historia Insulana das Ilhas a Portugal, sujeitas no oceano occidental, composta pelo Padre Antonio Cordeiro, para confirmação dos bons costumes assim moraes como sobrenaturaes dos nobres antepassados Insulanos, nos presentes e futuros descendentes seus, só para salvacão de suas almas e maior gloria de Deus, 2.ª edição, annotada pelo exm.º sr. Deão da Sé do Funchal, 2 vol. in-4.º, 2\$000 réis — Memorial das proezas da [segunda] tavola redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos ao mui alto e mui poderoso rei D. Sebastião, primeiro deste nome em Portugal nosso Senhor, impressa pela primeira vez no anno de 1567, 1 vol. in-4.º, 1\$000 réis — Justa aclamação do serenissimo rei D. João IV, tratado analytico composto pelo dr. Francisco Velasco Gouvêa, 1 grosso vol., 1\$000 réis — Viriato Tragico, poema heroico em 20 cantos, de Braz Garcia de Mascarenhas, 2 vol. encadernados em 1, 1\$200 réis.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.